



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS - *CAMPUS* PALMAS
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

AQUILLA PEREIRA SANTOS

**AS MARCAS DA MEMÓRIA NO ROMANCE *AS MENINAS* DE LYGIA FAGUNDES
TELLES**

AQUILLA PEREIRA SANTOS

**AS MARCAS DA MEMÓRIA NO ROMANCE *AS MENINAS* DE LYGIA FAGUNDES
TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Professora Dra. Soraia Cristina Blank Arraes
Coorientadora: Professora Dra Fernanda Silva Neves

PALMAS
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S237m Santos, Aquilla Pereira
As marcas da memória no romance "As meninas" de Lygia Fagundes
Telles / Aquilla Pereira Santos. – Palmas, TO, 2025.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2025.

Orientadora: Dra. Soraia Cristina Blank Arraes
Coorientadora: Dra. Fernanda Silva Neves

1. Literatura de autoria feminina. 2. Ditadura militar. 3. Memórias e
identidade. I. Arraes, Soraia Cristina Blank. II. Neves, Fernanda Silva. III.
Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

AQUILLA PEREIRA SANTOS

**AS MARCAS DA MEMÓRIA NO ROMANCE *AS MENINAS* DE LYGIA
FAGUNDES TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do
Curso de Graduação de Licenciatura em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade Campus Palmas, do Instituto
Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de
Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Professora Dra. Soraia Cristina Blank Arraes

Coorientadora: Professora Dra Fernanda Silva Neves

Aprovado em: 14/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br SORAIA CRISTINA BLANK ARRAES
Data: 24/02/2025 10:21:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora Profa. Dra. Soraia Cristina Blank Arraes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDA SILVA NEVES
Data: 24/02/2025 08:58:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coorientadora Profa. Dra. Fernanda Silva Neves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
gov.br NAHETE DE ALCANTARA SILVA TAMBA
Data: 24/02/2025 09:22:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
gov.br ALINI CARDOSO DE ALBUQUERQUE ALVES
Data: 21/02/2025 22:41:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Alini Cardoso De Albuquerque
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Ao dono dos meus dias; por todo acalento e sustento até aqui. Sem o Senhor eu definitivamente não conseguiria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nunca me desamparar e por me amar. Sua graça e misericórdia são o suficiente para que eu viva uma vida boa e abundante. Agradeço pelo fôlego, pelo amparo e por sem Quem és.

À minha mãe, por ser amiga, por ser conforto. Seus conselhos e broncas me trouxeram até aqui. Obrigada por sempre me lembrar da bondade e fidelidade do Senhor, mãezinha. Palavras não são capazes de dizer o quanto sou grata por se doar por mim, a senhora é o meu exemplo de força.

Ao meu pai, que me ensinou durante esse período que o amor vai muito além de palavras. Obrigada por se dedicar e se esforçar. Reconheço cada detalhe. Deus sabe o quanto sou grata.

À minha irmã, por tanto amor disfarçado em chatice. Sua vinda melhorou em muito esses anos aqui. Dividir o peso dos problemas com você me trouxe força. Sou uma pessoa mais forte, graças a você. Obrigada por acreditar em mim, irmã.

Ao Pedro Lucas, que me mostrou que amar deve ser leve e tranquilo. Obrigada por derrubar as inúmeras barreiras que coloquei para te impedir de chegar até mim. Valeu a pena te esperar, cada milésimo de segundo.

À minha querida amiga, Rebeca. Você é um presente. Obrigada por acreditar em mim e me impulsionar, pelos choros e sorrisos (sorrisos que desmancham, literalmente haha), pelos momentos sérios e bobos. Sua amizade me trouxe a certeza de que o Senhor escuta os detalhes das minhas orações.

À Daniella, a pessoa do coração mais doce e puro que conheço. Suas palavras de incentivo me trouxeram até aqui. Obrigada por todo suporte.

Aos meus amigos, Wilnatã, Havila, Loira Alice e Gustavo. Vocês são especiais. Obrigada por aliviarem o peso dos dias ruins. É bom ter pessoas para sorrir dos problemas, obrigada por tudo.

Aos tios de coração que o céu me presenteou, Lúcia e Paulo (pais da Beca). Vocês são resposta de muitos pedidos meus ao Senhor. Obrigada por todo acolhimento.

Aos meus pastores, Silas Batista e Dayane Batista, pelos aconselhamentos, por todo carinho e cuidado. Sou grata por tê-los.

Aos meus familiares que acreditaram em mim, eu sei e me lembro de cada um de vocês.

Aos professores que formaram uma base sólida para que eu pudesse estar aqui em nome das queridas professoras Ivana e Antônia. Vocês são mais que especiais, obrigada pelos ensinamentos que me formaram.

À professora Vaniscleia, por me deixar apaixonada em sintaxe e em *a viuvinha*. Suas aulas me inspiraram. Obrigada a você e a sua família, Ana e Maria. Vocês são parte de mim.

Às pessoas que me amam e oram por mim sem querer nada em troca. Tia Nilzinha, suas orações foram fundamentais e eu acredito e recebo suas palavras de bençãos.

Aos professores que tornaram essa jornada exaustiva em uma jornada de descobertas em nome das minhas orientadoras, Fernanda e Soraia. Que bom seria se todos os professores fossem sensíveis e acessíveis como vocês.

Obrigada à banca examinadora do meu trabalho, Profa Nahete e Profa Alini. Vocês são inspirações para mim.

Às amigas que fizeram parte de tudo isso, Clarine, Ana Clara e Ellen. Espero vê-las conquistando coisas incríveis. Obrigada por dividirem o peso da faculdade comigo.

As pessoas que me abençoaram de forma direta e indireta. Todos estão guardados em minha memória e coração.

A todos aqui mencionados (ou não), eu amo vocês. Gratidão por tudo.

A história relatada por uma testemunha ou por um participante que ninguém notou. Sim, é isso que me interessa, é isso que eu gostaria de transformar em literatura.

(A guerra não tem rosto de mulher - Svetlana Aleksievitch)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles, situando-a no contexto histórico da ditadura militar (1964-1985) no Brasil. A pesquisa investiga como a autora utiliza a literatura para refletir sobre a repressão política da época, abordando questões de identidade, memória e o papel da mulher na sociedade. O primeiro capítulo examina o impacto do regime militar na literatura brasileira e a participação das mulheres nesse cenário, destacando a visão crítica da autora sobre o Brasil da ditadura. O segundo capítulo apresenta um resumo da obra e realiza uma análise das protagonistas Lorena, Lia e Ana Clara, explorando suas relações, traumas e a construção simbólica de suas identidades. O terceiro capítulo discute como a memória e o conceito de identidade se entrelaçam na narrativa, com o passado, o presente e o futuro influenciando as personagens e suas ações. Este estudo contribui para a compreensão da obra de Lygia Fagundes Telles, revelando sua importância no contexto literário e político brasileiro.

Palavras-chave: literatura brasileira, ditadura militar, identidade, memória.

ABSTRACT

The objective of this study is to provide an analytical examination of Lygia Fagundes Telles' novel *As Meninas*, situating it within the broader historical context of the military dictatorship (1964-1985) in Brazil. The research endeavor involves an in-depth investigation into the manner in which the author utilizes literature as a medium to reflect on the political repression that characterized the era, with a focus on themes of identity, memory, and the role of women within the socio-political landscape. The initial chapter explores the impact of the military regime on Brazilian literature and the role of women within this socio-political context, underscoring the author's critical perspective on the Brazil of the dictatorship. The subsequent chapter provides a synopsis of the work and conducts a detailed analysis of the protagonists Lorena, Lia, and Ana Clara, examining their relationships, traumas, and the symbolic construction of their identities. The third chapter explores the intricate interplay between memory and identity in the narrative, emphasizing the influence of the past, present, and future on the characters' actions. This study contributes to a more comprehensive understanding of Lygia Fagundes Telles's literary and political significance within the Brazilian context.

Key words: Brazilian literature, military dictatorship, identity, memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - LITERATURA BRASILEIRA E LYGIA FAGUNDES TELLES	11
1.1 O gênero romanesco no Brasil da ditadura	11
1.2 Mulher, literatura e ditadura	12
1.3 As meninas: uma visão da autora sobre a ditadura militar	12
CAPÍTULO 2 - AS MENINAS	15
2.1 Breve resumo	15
2.2 Laços e traços das meninas	17
2.3 Lorena e sua concha	18
2.4 Lião e o aparelho	19
2.5 Ana Turva e sua válvula de escape	21
CAPÍTULO 3 - IDENTIDADE E MEMÓRIA	23
3.1 Lygia e suas memórias	23
3.2 Passado, presente e futuro	25
3.3 Identidade	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, ao longo de sua história, tem se configurado como uma poderosa ferramenta de resistência e expressão, especialmente em períodos de repressão política e social. Durante a ditadura militar (1964-1985), um contexto de censura e vigilância se instaurou no país, limitando a liberdade de expressão e influenciando a produção literária. Nesse cenário, autores como Lygia Fagundes Telles se destacaram ao utilizar a literatura como um meio para abordar questões sociopolíticas e, ao mesmo tempo, explorar as complexidades psicológicas de seus personagens. Em particular, *As Meninas* se destaca como uma obra que não só reflete as tensões de sua época, mas também oferece uma visão aguda sobre as dinâmicas sociais e pessoais sob o regime militar, especialmente sob a ótica feminina. Este trabalho visa analisar a obra de Lygia Fagundes Telles dentro do contexto histórico e literário da ditadura, explorando como a autora constrói personagens e temas que dialogam com as questões de identidade, memória e resistência.

No Capítulo 1, será abordado o cenário da literatura brasileira durante o período da ditadura militar, destacando o impacto do regime sobre os autores e suas obras. A partir disso, será explorado o papel das mulheres na literatura, com um foco particular em como Lygia Fagundes Telles, enquanto escritora, utiliza a narrativa para expor as contradições e repressões da sociedade da época. Além disso, será discutido como *As Meninas* se insere nesse contexto, oferecendo uma visão crítica e sensível sobre o Brasil sob o regime militar, especialmente através de suas personagens femininas e suas vivências.

No Capítulo 2, será feito um resumo da obra *As Meninas*, seguido de uma análise das três protagonistas: Lorena, Lia e Ana Clara. Cada uma delas representa diferentes aspectos da sociedade e da condição feminina durante a ditadura. A análise explorará como Lygia constrói esses personagens, destacando suas singularidades e as dinâmicas entre elas, como os laços afetivos e as marcas deixadas pelo contexto social e político. A construção do espaço psicológico das personagens, como a concha de Lorena, o aparelho de Lia e a válvula de escape de Ana Clara, será discutida, buscando compreender como esses elementos simbólicos refletem as tensões internas e externas que elas enfrentam.

No Capítulo 3, a discussão se concentrará nas temáticas de identidade e memória, fundamentais para a compreensão da obra de Lygia Fagundes Telles. Será analisado como a memória, tanto individual quanto coletiva, é tratada ao longo da narrativa, e como o passado, presente e futuro se entrelaçam nas vidas das personagens, moldando suas ações e suas percepções. Além disso, será abordado o conceito de identidade, especialmente como ele é construído nas personagens de *As Meninas* e como as memórias passadas se tornam

determinantes para a formação dessa identidade, tanto de forma pessoal quanto em relação ao contexto político e social da ditadura.

CAPÍTULO 1 - LITERATURA BRASILEIRA E LYGIA FAGUNDES TELLES

Neste capítulo, trataremos de discussões acerca da literatura brasileira e do romantismo, gênero literário em que esse trabalho se apoia, trazendo uma ligação entre as escritas de Lygia e o período ditatorial vivido pela autora. Além de tratar sobre os aspectos que envolvem a literatura brasileira durante esse período, discutiremos sobre o papel da mulher dentro de uma sociedade oprimida e sem espaço para as mesmas.

1.1 O gênero romanesco no Brasil da ditadura

O gênero romântico teve sua origem marcada no século XVIII onde foi se espalhando, ganhando espaço e assumiu o lugar da epopeia, narrativa essa que trazia uma estrutura em versos e era necessário que existisse a figura de um herói, exigências que não fazem parte da narrativa romanesca. Gancho (1995) afirma que “o Romance se diferencia das outras narrativas por ser uma narrativa mais longa e por possuir um número maior de personagens, além de incluir uma quantidade maior de conflitos, como também o tempo e o espaço tendem a ser mais expandidos.” Isso deixa claro a diferença de estrutura e como podemos identificar o romance dentro dos inúmeros gêneros textuais existentes.

Em 1964, o Brasil estava enfrentando uma de suas maiores crises, a ditadura militar. Dentro do cenário de morte, assassinatos, golpes e torturas, ainda existia uma censura por parte dos militares da época, ou seja, tudo o que era publicado, deveria passar por uma análise para que então, fosse possível a publicação da obra em meio a ditadura. Dentro de um contexto como esse, muitas obras escritas por grandes autores foram barradas e não poderiam ser publicadas por causa da censura.

Dessa forma, os escritos entre o período de ditadura, tomaram formas de narrativas românticas, tendo características, enredo e uma estrutura baseada nos romances românticos. Entretanto, em obras como a de Lygia, os autores se esforçaram em trazer mais da realidade vivida. Um romance para além de ideais românticos como ressalta Chartier;

O interesse em nos debruçarmos sobre estes romances está na percepção de que a leitura é uma prática social, historicamente situada que tanto constrói novas representações sobre o social como repercute visões consolidadas pela ordem dominante (Chartier, 1992, n.p).

Assim como em qualquer outro período histórico, as obras publicadas possuem um enorme valor, além de narrar períodos, essas histórias serviram como um espaço para que as

pessoas que viveram e sofreram durante períodos de dor como a ditadura pudessem falar sobre suas vivências.

1.2 Mulher, literatura e ditadura

Ao tratarmos sobre a figura feminina dentro do espaço da escrita, somos confrontados com o fato de termos uma notoriedade minúscula dentro desse ambiente bem como em qualquer outro, e quando levamos isso para dentro de um período manchado e marcado por violência é visível a falta de espaço que a mulher tem dentro de um processo que até hoje é difícil e desgastante.

Durante a ditadura militar no Brasil, a sociedade como um todo viveu grandes desafios onde marcas foram deixadas e enraizadas em sociedade. Pensando nisso, é impossível não trazer um contexto pós-guerra para a atualidade e para as discussões acerca da figura feminina, como dito por Cruz,

A definição de pós-ditadura se dá não porque se considera superado o tempo histórico, ou tendo em vista que se encontra no passado, mas porque, ao contrário, ao habitar o presente, ainda habita a catástrofe e todas as consequências desse passado do qual não consegue se desvencilhar. (CRUZ, 2017, p.512)

As marcas do período da ditadura militar estão presentes na atualidade e esse passado traz consigo consequências duras para a sociedade. É de suma importância também, tratarmos sobre o espaço ocupado pelas mulheres em sociedade, principalmente pelas mulheres escritoras, pois assim como destaca Cruz,

As obras interessam para pensar, nesse contexto específico, como a literatura contemporânea inscreve, a partir do testemunho, a resistência de personagens e narradoras mulheres que, para além da oposição à repressão, tiveram também de opor-se a outra violência, a de gênero, que se incorpora àquilo que não consegue ser dito ou dividido: o trauma. (CRUZ, 2017, p.513)

Sendo assim, refletir sobre o processo vivido pelas mulheres durante um período de dor e luta torna-se importante pois além de desafios relacionados à escrita e espaço nesse ambiente, elas tiveram que lidar com as dificuldades e dores do processo da ditadura militar.

1.3 As meninas: uma visão da autora sobre a ditadura militar

As meninas é uma obra escrita por Lygia durante o período da ditadura militar vivido no Brasil. Por meio de sua obra, Lygia ganha um espaço para dialogar com a sociedade sobre a pressão e opressão vivida entre os anos de 1964 e 1985. Durante a ditadura, tudo o que era publicado precisava ser analisado pelo regime militar de modo que nada que “ferisse” a moral e a política era liberado para publicação. Sendo assim

Havia listas de livros, pinturas, músicas, peças, filmes (etc.) proibidos e possuir uma obra "subversiva" representava um perigo considerável, pois "ter em casa um livro incluído na 'lista negra' era certamente comprometedor. Nas salas de cinema ou teatro, a projeção de um filme ou a apresentação de uma peça podia ser interrompida no meio, a sala ser invadida pela polícia e a obra 'subversiva' ser repentinamente suspensa sem qualquer explicação (HABERT, 1994, p. 31)

A publicação de *As meninas* aconteceu no ano de 1973, auge da ditadura e censura militar no Brasil e isso só foi possível, graças à sagacidade de Lygia ao escrever e pensar sobre o título e os primeiros capítulos do livro. Alguns autores associam o título do livro a outra obra escrita no século XIX pela Condessa de Ségur que nasceu em Mongólia, mas foi com a família para França em exílio e lá escreveu diversas obras.

As Meninas Exemplares, obra da Condessa de Ségur, narra a história de três amigas cujo comportamento reflete as virtudes expressas no título do livro. Elas vivem em harmonia, demonstrando boas maneiras, generosidade e retidão moral. No entanto, a trama ganha um novo elemento com a chegada de Sofia, uma menina com uma personalidade diferente das demais. Após sofrer um acidente, Sofia é acolhida pela bondosa senhora de Fleurville, que assume a responsabilidade por sua educação e bem-estar. A partir desse convívio, a jovem passa por um processo de aprendizado e transformação, contrastando suas atitudes impulsivas com os valores cultivados por suas novas companheiras. O livro não apenas exalta as qualidades das protagonistas, mas também apresenta uma jornada de crescimento e aprimoramento moral, característica marcante das obras de Ségur. Essa obra, reforça comportamentos atribuídos às mulheres do século XIX bem como julgamentos sociais de como deveriam ser.

Na obra de Lygia Fagundes Telles, as personagens femininas se distanciam do ideal tradicional de comportamento encontrado nas obras da Condessa de Ségur. Diferente das meninas exemplares de Ségur, que seguem um modelo de virtude e obediência, Lorena, Lia e Ana Clara apresentam personalidades complexas e multifacetadas, rompendo com os estereótipos femininos esperados. Cada uma delas carrega conflitos internos, desejos próprios e diferentes formas de enxergar o mundo, evidenciando a diversidade da experiência feminina. Em vez de se encaixarem em um padrão único, elas representam diferentes formas de existir e resistir em uma sociedade que impõe limites ao papel da mulher. Dessa forma, a narrativa de Lygia não apenas desconstrói a visão idealizada da feminilidade, mas também propõe uma reflexão sobre identidade, liberdade e autodescoberta. Fazendo um paralelo entre as duas obras e os títulos das mesmas, somos levados a acreditar que ao usar um título de um

livro conservador e que reforça a pressão em manter um padrão para as mulheres, Lygia escapa de certa forma da censura instalada durante o regime militar.

A autora durante a construção da obra, desde o título até os capítulos distribuídos dentro da narrativa, faz o uso de muitos artifícios literários que driblaram a censura e fizeram de Lygia uma grande autora. Segundo Luiz Antonio de Assis Brasil (ano), durante o período de censura imposto pelo regime militar, os escritores adotaram diferentes estratégias para expressar suas críticas. Alguns confrontaram diretamente o sistema e sofreram as consequências dessa ousadia, enquanto outros recorreram a códigos simbólicos e metáforas para driblar a vigilância e transmitir suas mensagens de forma velada. Lygia Fagundes Telles seguiu essa segunda abordagem, utilizando o máximo de recursos simbólicos e parafrásticos em sua narrativa. Por meio de construções sutis e indiretas, ela conseguiu abordar temas sensíveis e transmitir reflexões profundas sobre a realidade da época, permitindo que seu público compreendesse sua mensagem apesar das restrições impostas pela censura. Dessa forma, sua literatura se tornou não apenas uma forma de resistência, mas também um testemunho artístico da opressão vivida naquele período.

Ao longo de sua obra, Lygia Fagundes Telles utilizou suas personagens como porta-vozes de questões profundas e urgentes, transformando a narrativa em um espaço de denúncia e reflexão. A história de *As meninas* não se limita apenas ao universo individual das protagonistas, mas também reflete, de maneira simbólica e crítica, o contexto sociopolítico da época em que a autora escrevia. Por meio das experiências, dos dilemas e das inquietações de Lorena, Lia e Ana Clara, Lygia construiu um relato que ecoa as tensões, as angústias e os desafios enfrentados pela sociedade, especialmente pelas mulheres, em um período marcado por repressão e incerteza. Assim, sua escrita não apenas dá voz às personagens, mas também registra, de forma sensível e perspicaz, os acontecimentos e os sentimentos que permeavam sua realidade. Em um documentário, Lygia pondera: “Em qual delas eu mais me identifiquei? Difícil dizer. Dei a uma um gesto, a outra, um pensamento mais secreto que renasceu na boca de Lorena e Lia...” (TELLES, 1996, p.297) Vemos assim, que dentro de cada personagem há um pouco de Lygia Fagundes Telles e de seus pensamentos.

Lia, é a personagem criada por Lygia que atua diretamente contra o regime militar, suas falas e ações são parte de uma denúncia feita pela autora contra a censura da época. Lião é uma mulher forte e independente, isso faz dela uma peça fundamental para dar voz a Lygia dentro das circunstâncias. Isso faz com que a autora ocupe um lugar de fala importante dentro de uma sociedade onde as vivências e relatos dados por homens são infinitamente priorizados como afirma Klüger:

Também tenho o que contar, quer dizer, tenho histórias a contar caso alguém pergunte, mas só poucos o fazem. As guerras pertencem aos homens, e assim também as lembranças de guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que se tenha sido contra ou a favor: puro assunto para homens. Além disso: mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente. (KLÜGER, 2005, p.13)

Em entrevista para folha São Paulo, Lygia relata que o romance *As meninas* possui traços da realidade para o qual a autora trouxe problemas vividos naquele período e inseriu em uma obra de ficção,

Parti da realidade para a ficção. Sei que em estado bruto as minhas meninas existem, estão por aí. Como ponto de partida tomei-as assim meio informes, sem características mais profundas, os traços ainda indefinidos: vieram como nebulosas. Tomei-as e fui trabalhando em cada uma, lenta e pacientemente, sou lenta. Afinal, tudo somando, creio que durante três anos convivi intimamente com essas três (TELLES, 2012, p. 313).

Fato é que as vivências de Lygia, os dias em que a sociedade estava vivendo e todos os problemas sociais da época inspiraram diretamente a autora, tornando as meninas uma obra de denúncias e críticas à sociedade e a repressão política vivenciada no período de publicação da obra.

CAPÍTULO 2 - AS MENINAS

Neste capítulo, abordaremos questões importantes sobre cada um das personagens construídas por Lygia Fagundes Telles e a relação de cada uma com o mundo. Aqui, falaremos sobre os traumas e memórias colocadas dentro da narrativa para o leitor.

2.1 Breve resumo

Publicado em 1974, *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles, é uma obra marcada pela polifonia narrativa, na qual diferentes vozes se alternam para construir a história. As protagonistas, Lia, Lorena e Ana Clara, possuem personalidades distintas, e essa multiplicidade de perspectivas é essencial para a profundidade do romance. A narrativa não segue uma separação explícita entre as vozes das personagens, exigindo do leitor uma imersão cuidadosa para reconhecer quem está narrando em determinado momento. Essa escolha estilística não apenas reforça a individualidade de cada uma, mas também reflete a complexidade de suas subjetividades. A maneira como cada personagem relata os acontecimentos revela seus traumas, desejos e visões de mundo, tornando a obra um mosaico rico de experiências femininas em meio a um contexto sociopolítico conturbado.

A narrativa traz a história de três meninas que viviam em um pensionato de freiras no estado de São Paulo; Lorena, Lia e Ana Clara. Personagens que, mesmo sendo completamente diferentes e cheias de peculiaridades, tiveram seus destinos e histórias se interligando dentro da narrativa. Lorena é a personagem que possui mais voz na narrativa. Ela é o apoio financeiro e emocional do grupo e possui marcas e traumas que a acompanham durante toda a obra. Lia é filha de um ex militar nazista e faz parte de um movimento chamado Aparelho para lutar contra a ditadura militar. É chamada pelas amigas na obra de Lião, o que mostra toda sua personalidade masculinizada e força. Ana Clara, chamada também de Ana Turva, expõe a todo momento seus traumas vividos e busca nas drogas uma forma de escapar das lembranças que a atormentam sempre que se encontra em sua consciência.

A obra *As Meninas* é composta por 12 capítulos, identificados apenas por números, sem títulos ou indicações explícitas de mudança de perspectiva. Essa estrutura reforça a fluidez da narrativa e exige do leitor uma atenção especial para acompanhar as diferentes vozes que constroem a história. A trama gira em torno das vidas de Lorena, Ana Clara e Lia, explorando suas relações interpessoais, conflitos internos e traumas pessoais. Cada uma delas carrega cicatrizes do passado e enfrenta desafios que moldam suas personalidades e visões de mundo.

A narrativa se inicia com Lorena, que, em um fluxo de pensamento introspectivo, reflete sobre três elementos marcantes de sua vida naquele momento: a fuga de seu gato, a cirurgia de reconstituição de hímen de Ana Clara — financiada por ela mesma, já que a amiga, apesar de estar noiva, mantinha um amante — e, acima de tudo, seu amor platônico por Marcus Nemesius, M. N. Ao longo do primeiro capítulo, Lorena também revela aspectos fundamentais de seu passado. Apesar de sua condição privilegiada e de sua personalidade doce e sonhadora, ela carrega feridas emocionais profundas. Sua narrativa é marcada por um tom nostálgico, evidenciando sua dificuldade em superar eventos traumáticos, especialmente a morte do irmão e as circunstâncias dolorosas que a envolveram. A recorrência desse episódio em suas lembranças demonstra como o passado exerce um poder paralisante sobre sua vida, tornando-a prisioneira de suas próprias memórias e impossibilitando-a de seguir em frente.

A narrativa de *As Meninas* não segue uma linha cronológica rígida, misturando passado e presente de forma contínua. As lembranças das personagens se entrelaçam aos acontecimentos do momento, fazendo com que o presente seja constantemente atravessado por memórias e traumas do passado. Apesar dessa complexidade temporal, toda a trama se

desenrola em um curto intervalo: dois dias são suficientes para revelar, de maneira profunda e intensa, as histórias e os conflitos vividos por Lorena, Ana Clara e Lia.

Ao longo do romance, as trajetórias das protagonistas se cruzam, unindo-as em experiências de amizade, descobertas, aventuras e decepções. No entanto, o desfecho da obra rompe com as convenções tradicionais do romance romântico. Em vez de um final idealizado ou redentor, a narrativa conduz as personagens a uma situação extrema e desesperadora. Após a morte de Ana Clara por overdose, as amigas se veem forçadas a traçar um plano para se livrar do corpo, um ato que simboliza não apenas o impacto trágico do destino de Ana Clara, mas também a ruptura definitiva com qualquer ilusão de inocência ou segurança. O final da obra não oferece respostas fáceis, mas provoca reflexões profundas sobre a fragilidade da vida, a opressão social e as cicatrizes invisíveis que moldam as personagens.

2.2 Laços e traços das meninas

As Meninas é uma obra marcante, habilmente escrita e desenvolvida por Lygia Fagundes Telles. Com uma narrativa rica e detalhada, a autora constrói um retrato profundo das protagonistas, explorando suas personalidades, conflitos e trajetórias de forma minuciosa. Cada aspecto de suas vidas é apresentado com sensibilidade e precisão, tornando-as personagens complexas e realistas.

Mais do que um romance intimista, a obra estabelece um forte diálogo com a sociedade da época, refletindo as tensões e incertezas vividas durante a ditadura militar no Brasil. Por meio das experiências de Lorena, Lia e Ana Clara, Lygia não apenas aprofunda questões individuais, como também evidencia desafios coletivos, como repressão, desigualdade e resistência. Assim, *As Meninas* vai além da ficção, tornando-se um testemunho literário da realidade vivida no período, ao mesmo tempo em que preserva sua força atemporal por meio da densidade psicológica e da complexidade narrativa.

Lorena é a personagem que assume a maior parte da narração, e sua posição social privilegiada influencia diretamente o desenrolar da história. Descendente de uma família quatrocentona e pertencente à burguesia, ela ocupa um lugar de poder dentro da narrativa, o que se reflete na dependência financeira das outras duas protagonistas. A autora evidencia como a vida de Lia e Ana Clara, de certa forma, orbita ao redor de Lorena, que, por meio de sua estabilidade econômica, se torna um suporte material para as amigas. No entanto, essa centralidade não se traduz em uma personalidade dominante; pelo contrário, Lorena vive presa ao passado, marcada por traumas e por uma visão romantizada da vida, o que a impede de enfrentar a realidade de forma concreta.

Lia, por sua vez, representa a força e a resistência dentro da narrativa. Determinada e combativa, ela se posiciona de forma crítica diante da sociedade e do regime ditatorial vigente. Por meio de sua voz, Lygia Fagundes Telles insere na obra um discurso de denúncia e contestação, abordando temas que eram censurados na época. Lia é uma militante ativa contra a ditadura militar, e sua trajetória reflete o engajamento político da juventude daquele período, além de dar espaço para que a autora expresse, de maneira indireta, críticas ao sistema opressor.

Ana Clara é a personagem mais atormentada pelo passado, pelo presente e até pelo futuro, carregando um sofrimento constante. Sua história é marcada pela marginalidade e pela tentativa desesperada de ascensão social. Ao contrário de Lorena, que se refugia em sua nostalgia, e de Lia, que luta ativamente por mudanças, Ana Clara busca na aparência e na conquista de status uma forma de escapar da dor e da miséria. No entanto, essa fuga apenas aprofunda seu sofrimento, tornando-a uma figura trágica dentro da narrativa. Por meio de Ana Clara, Lygia trabalha temas considerados tabus, como a prostituição, a dependência química e a fragilidade emocional de mulheres que não se encaixam nos padrões sociais estabelecidos.

A interseção das histórias dessas três personagens permite à autora traçar um panorama social da época, explorando diferentes camadas da sociedade brasileira sob a ditadura militar. Cada uma das meninas ocupa um espaço distinto dentro dessa estrutura, e suas vivências oferecem um olhar abrangente sobre questões como privilégio, resistência e exclusão. Dessa forma, *As Meninas* não apenas aprofunda o drama individual de suas protagonistas, mas também se apresenta como um retrato coletivo de uma geração marcada pela repressão, pelas desigualdades e pelas contradições de seu tempo.

2.3 Lorena e sua concha

*A burguesia aí toda esplendorosa.
Nunca os ricos foram tão ricos,
podem fazer as casas com as
maçanetas de ouro, não só os
talheres mas as maçanetas da porta.*
(Lia de Melo Schultz)

Lorena Vaz Leme é uma estudante de direito burguesa, filha de uma família quatrocentona e com fortes interesses em arte, músicas e literatura. Caracterizada por sua doçura e delicadeza, Lorena além de apoio financeiro é também um aporte psicológico e emocional para suas amigas, Ana Clara e Lia. Lorena é apaixonada por Marcus (M.N) um

homem casado, pai de cinco filhos e que aparentemente não corresponde ao amor platônico da jovem burguesa, onde a mesma vive imersa na idealização e desejo de correspondência por parte de seu amado.

Além de ser guiada por um ideal romântico de feminilidade, Lorena é a personagem que em diversos momentos recorre a religiosidade como fuga de seus desejos e memórias. Apesar de seu amor platônico e avassalador por M.N, Lorena mantém-se virgem na esperança de se manter pura, sem ceder aos seus desejos carnisais.

Quando abriu o bocão e deu o bote, que fez espirrar longe o sumo, quase engasguei no meu leite. Ainda me contraio inteira quando lembro, oh, Lorena Vaz Leme, não tem vergonha?
 “Não”, diz em voz alta o Anjo Sedutor. Acendo depressa um tablete de incenso, oh, mente pervertida. Queria ser santa. Pura como esse perfume de rosas que se enrola em mim e me dá sono. (TELLES, 2004, p.15)

Ela é a personagem que narra a maior parte da história criada por Lygia, conhecemos a partir da visão dela, detalhes sobre a história de cada uma das meninas. Por se tratar de uma jovem burguesa, Lorena não se preocupava ou se interessava em estar à frente dos debates políticos ou em lutar contra o sistema instaurado na época, ela se preocupava com suas questões internas e com o seu incessante amor por M.N.

Lorena tem uma forte necessidade de se sentir segura e protegida. Para isso, a mãe reforma um dos quartos do pensionato, pintando-o de rosa e dourado, e assim Lorena passa a chamá-lo de Concha, símbolo de conforto e proteção, não somente para ela como também para Lia e Ana Clara que sempre recorriam à amiga em momentos difíceis.

Abandonar minha concha. Meu delicado mundo que amo tanto. Se ao menos fosse para ir com M.N., Por que ele não me convida nessas suas viagens? Esses altos congressos internacionais que vive curtindo, eu caberia no seu nécessaire.(TELLES, 2004, p.211)

Mesmo não enfrentando problemas financeiros como suas amigas, Lorena possui um passado que em diversas vezes é lembrado e revivido por ela dentro da narrativa. A lembrança da morte do irmão e a forma como tudo aconteceu é uma das marcas de Lorena. Apesar de seguir em frente, esses acontecimentos a marcaram e fizeram dela, uma mulher presa em acontecimentos passados, isso é perceptível em todos os momentos de reflexão feitos por ela dentro da obra.

2.4 Lião e o aparelho

Lia de Melo Schultz é uma militante comunista que estuda ciências sociais e é a personagem que mais sofre durante todo o período de ditadura dentro da narrativa. Apelidada

pelas amigas de Lião, a personagem assume um importantíssimo papel durante toda a obra de força e enfrentamento à repressão vivida, por essa razão, características socialmente atribuídas aos homens são dadas a Lia, fazendo com que ela assuma durante a narrativa um papel mais masculinizado.

Lia, cujo codinome era Rosa, participava de um grupo chamado aparelho, grupo esse que lutava diretamente contra a ditadura militar. Namorava Miguel, rapaz preso pelas autoridades ao lutar contra a ditadura militar, e em diversos momentos da narrativa, Lia demonstra preocupação e tristeza em ter o amado preso, demonstrando um lado vulnerável e sensível a dor de seu amado, mesmo sendo caracterizada pela sua força e seus traços que não correspondia à uma donzela indefesa;

Acendo um cigarro. Que me importa dormir no meio dos bêbados, das putas, o cigarro aceso no meu peito, dói sim, mas se soubesse que você está livre, dormindo na estrada ou debaixo da ponte. Mas livre. Não sei aguentar sofrimento dos outros, entende? o seu sofrimento, Miguel. O meu aguentaria bem, sou dura. Mas se penso em você fico uma droga, quero chorar. Morrer. E estamos morrendo. (TELLES, 2004, p. 19)

Lia acreditava fortemente em uma sociedade justa e igualitária, por isso, ela traz consigo essa vontade de lutar e também critica fortemente pessoas como Lorena, que vive mergulhada com seus biscoitos ingleses e a música estrangeira. A grande questão é de onde surgiu todo esse interesse político na jovem Lia, sobre isso, ela diz o seguinte em uma conversa com Lorena;

-Também fui anjo de procissão, papa-hóstia, fui tudo. Acreditava com aquela força da infância, um fervor. Justamente por isso uma reconciliação, entende? Não sei explicar, Lena, mas assim que comecei a ler os jornais, a tomar consciência do que se passava na minha cidade, no mundo, me deu tamanho ódio. Fiquei uma fúria. Sem dúvida ele existe, eu pensava, mas e só maldade. Desse estado passei para o da ironia, fiquei irônica, mas e um bricoleur, sabe o que é um bricoleur? Na minha rua morava, um baiano santeiro que pegava sobras de objetos, fragmentos meio ao acaso, sem plano, juntava as peças com jeito, ele tinha muito jeito e acabava formando suas maquininhas. Comecei a achar que Deus era simplesmente isso, um bricoleur de gentes. Calava uma sobra aqui, outra lá adiante e assim ia formando suas engenhocas. Por disponibilidade, entende. Capricho. Quando uma bricolage começa a funcionar, quando bem ou mal se põe em movimento, ele se desinteressa e já pega outra, milhares de maquininhas humanas sem destinação, se arrebatando por aí feito doidas. Kaput. (TELLES, 2004, p. 181-182, grifo da autora)

Por se tratar de uma jovem que luta diretamente contra a ditadura, Lia traz importantes reflexões e também denúncias ao longo da narrativa. Denúncias e detalhes sobre todo o processo da ditadura são escancarados dentro das falas de Lia, como a primeira descrição de uma cena detalhada de tortura de um sobrevivente do regime militar;

-Não, Madre Alix. Confesso que estou mudando, a violência não funciona, o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo. Mas já que a senhora falou em violência vou lhe mostrar uma — digo e procuro o depoimento que levei pra mostrar a Pedro e esqueci. — Quero que ouça o trecho do depoimento de um botânico perante a justiça, ele ousou distribuir panfletos numa fábrica. Foi preso e levado à caserna policial, ouça aqui o que ele diz, não vou ler tudo: Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resistia e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me a então a aplicar os choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fedidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os 88 tímpanos: mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. E etcétera, etcétera. (TELLES, 2004, p.124, grifo da autora).

Dentre os inúmeros diálogos complexos de Lia, os momentos em que a mesma traz à tona processos e detalhes sobre a luta da sociedade dentro da ditadura militar são de suma importância, pois a autora utiliza desses momentos para fazer denúncias do período que até então eram veladas e de forma alguma alguém poderia dizer algo sobre e muito menos divulgar.

2.5 Ana Turva e sua válvula de escape

Ana Clara é a representação daqueles que gritaram por socorro, porém a sociedade não tinha tempo, nem disposição. (Vanessa)

Ana Clara Conceição é uma estudante de psicologia que se destaca por ser incrivelmente bela. Criada somente por sua mãe, Ana Clara precisa constantemente

desvencilhar-se de seu passado traumático e de dores que fizeram dela uma mulher amarga e sem perspectiva de um futuro diferente de seu presente, por isso ela buscava nas drogas uma forma de fugir de seu passado sombrio e doloroso.

Os capítulos narrados por Ana Clara possuem características específicas de marcas vividas por ela. A escrita demonstra uma narração amarga, vazia e nada além de uma péssima perspectiva de futuro. Essa personagem é noiva de um homem rico o qual ela chama de “escamoso” e possui um amante chamado Max, de quem ela gosta e que aparece por diversos momentos na narrativa.

Ana Clara foi marcada por uma infância difícil e dolorosa. Ela foi vítima de abuso sexual ainda quando criança e esse é um marco revivido por ela diversas vezes nos momentos em que o efeito das drogas passam e a sua consciência retorna

Tenho ódio de negro. Mas doutor algodãozinho era branco. Olho azul o sacana. Esse era o apelido mas e o nome? Doutor Hachibi disse que a gente expulsa tudo o que foi ruim e se for assim esse maldito nome não vou lembrar nunca. Mas lembro o apelido. Que é que adianta apagar o nome se ficou o Roque-Roque das ratazanas gordas lá da construção dia e noite Roque-Roque no escuro. “Mas esses futos não deixam a gente dormir?”, gritava o Teo que era desdentado e trocava as letras pelo f. Mas dormia. A mãe também dormia. Até que dormia bem aquela lá. Mas eu ficava acordada pensando Roque-Roque. A sala de espera com a negra de lenço amarrado na cara inchada. A cestinha de flores artificiais coberta de poeira. A negra e eu éramos as clientes mais assíduas com nosso cheiro de Cera Dr. Lustosa quando doía demais a gente tirava o algodãozinho e enchia o buraco com a cera que espalhava na boca inteira aquele cheiro era cheiro de céu. Só experimentei no instante em que o nervo deixou de fisgar e dormiu completamente encerado. Então eu dormi junto. O cheiro dessa cera misturado ao cheiro de creolina são os dois cheiros fortes que me empurraram até a infância, a cera queimando no dente e a creolina que vinha da lata branca onde o Doutor Algodãozinho ia jogando os algodões usados. Outro cheiro que ficou fazendo parte dos cheiros é o de mijo. Mijo mesmo e não pipi, ouviu Lorena? Cheiro de pipi até que fica perfumado quando é dito por você que abotoa a boquinha perfumada com pastilhas de hortelã. Sen-Sen. “Refresca tanto o hálito”, ela me disse com o hálito refrescado. Masco meu chiclete para disfarçar, o meu chiclete é mais forte mais fácil ah sim eu sei que não é fino. Fino é o Sen-Sen. Não é por acaso que você tem sempre algumas sutilmente se diluindo na boca. Então o pipi fica cheirando Sen-Sen mas aqueles da construção era cheiro de mijo. Outro que deveria usar essas pastilhinhas era o Doutor Algodãozinho que cheirava cerveja choca. Até hoje não posso nem ver cerveja porque ele me atendia depois do jantar, hora dos clientes mais miseráveis e no jantar naturalmente emborcava sua meia garrafinha. Filho da puta. (TELLES, 2004, p. 39-40.)

Durante sua narrativa, Ana Clara relembra e vivencia fatos marcantes em seu passado, fatos esses que a impede de viver uma vida fora da dependência já que a mesma encontra nas drogas uma forma de se livrar das lembranças e dores de seu passado. Ao retomar a

consciência e voltar a ficar lúcida, Ana Clara sempre questiona a Max se ele havia lhe dado aspirina para que sua consciência voltasse.

Ana Clara vive em uma constante busca por riquezas, ela deseja ser como Lorena, por isso busca em Escamoso uma solução para esse problema. Deseja se casar para que tenha dinheiro, apesar de amar Max, o traficante. Em momentos com Max, Ana Clara traz a tona seu problema de falta de dinheiro e relata o motivo pelo qual ela deseja se casar com Escamoso

Ana Clara sentou-se na cama, enlaçou as pernas e encostou o queixo nos joelhos. Os olhos verdes se apertaram em meio do aro sombrio. Voltou-se bruscamente para o jovem que tentava acender o cigarro. Sacudiu-o. Os palitos da caixa espalharam-se no peito dele.

-Você tinha que ficar assim duro? Agora preciso casar com outro, seu besta. Quero oriehnid, sabe o que é oriehnid? A Lorena disse que falar ao contrário dá sorte. Agora tenho que. E ainda lúcida. (TELLES, 2004, p.53)

Entre as falas de Ana Clara, vemos relatos duros de alguém que constantemente é assombrada pelo passado de forma que viver o presente se torna insuportável e a única forma de viver dia após dia é procurando sua válvula de escape: as drogas. Essa também é uma personagem que quebra muitos tabus na sociedade. Através dela, temas como o aborto são inseridos na narrativa tornando a obra de Lygia algo inovador e que busca trazer discussões sociais a partir da leitura da obra.

Ana Clara tem um fim trágico onde a mesma morre por overdose tentando fugir de sua triste realidade. Uma vida onde a mesma vivia sufocada por seus traumas e abusos vivenciados na infância era impossível suportar sem seus escapes, isso fez com que Ana Clara não suportasse o peso de seus traumas e assim como inúmeras mulheres invisíveis, morreu tentando se libertar.

CAPÍTULO 3 - IDENTIDADE E MEMÓRIA

Neste capítulo trataremos sobre os aspectos memorialísticos que envolvem a vida das meninas bem como suas lembranças, medos e traumas. As identidades e personalidades que cada uma assume ao longo da narrativa também serão objeto de estudo dentro deste capítulo de modo que possamos compreender de que forma e se o passado influenciou na vida das meninas.

3.1 Lygia e suas memórias

*Memória não tem filtro e
armazena tudo. Memória a gente não
rasga, não joga no lixo,*

não lava com sabão. Memória é sentinela, e nos vigia sempre. A memória não vê mas não tira o olho. Vai somando vida afora. Tudo que a gente olha, ouve, toca, come, cheira, a memória não esquece. E, de repente, transborda mais rápido que enchente. Coisas que a gente só imaginou, a memória guarda. E fatos que a gente nem sabia que sabia rompem sem mais nem menos no pensamento (...). E chegar ao mundo com 57 anos é ter, desde cedo, um grande peso de memória. (Bartolomeu Campos Queirós)

Durante a narrativa, foi possível identificar diversos traços de memória da própria autora ao escrever uma história onde a mesma poderia falar sobre o processo duro em que ela viveu na sociedade brasileira. Lygia foi uma mulher marcada pela ditadura militar. Apesar de viver um período marcado pela censura, morte e repressão, Lygia procurava ir além e fazer de suas escritas uma forma de denúncia à sociedade e principalmente ao movimento violento instaurado no Brasil. Em uma entrevista feita a Ferdinando Camon (1997) Primo Levi, homem levado para Auschwitz em 1944, reforçou a necessidade de falar:

Depois do retorno de Auschwitz, eu tinha uma necessidade enorme de falar, encontrava aqui os meus velhos amigos e os enchia de histórias [...]. Acredito ter sofrido um amadurecimento, tendo tido a sorte de sobreviver. Porque não se trata de força, mas de sorte: não se pode vencer com as próprias forças um campo de concentração. Fui afortunado: por ter sido químico, por ter encontrado um pedreiro que me dava de comer, por haver superado a dificuldade da língua; nunca adoeci, caí doente somente uma vez, já no final, e também isto foi uma grande sorte, porque evitei a evacuação do campo de concentração: os outros, os que estavam saudáveis, foram todos mortos, porque foram deportados para Buchenwald e Mauthausen, em pleno inverno. (1977)

O espaço da dor, o regime de 64 no romance brasileiro, livro escrito por Regina Dalcastagnè, traz o sofrimento e a “irremediável dor” (Dalcastagnè, 1996, p.137) de quem sofreu a angústia dos anos de chumbo no Brasil de 1964 a 1985, onde vemos que a memória é uma das poucas armas do torturado. Sendo assim, Lygia por viver essa pressão dos anos de chumbo, tem em sua memória detalhes vivos sobre o período e que foram precisos e importantes para seus relatos através de suas narrativas.

3.2 Passado, presente e futuro

“Tentei apagar a memória, imbecil que sou. Apagar, quando devemos fazer o contrário, lembrar, conservar vivo o horror, para lutar contra ele” (Inácio de Loyola Brandão)

Lia, Lorena e Ana Clara, são personagens que foram ligadas por uma amizade dentro da narrativa, apesar de serem o oposto uma das outras. Cada personagem foi marcada pelo passado de viveram marcas de cada um deles.

Em Lia, pode-se perceber o desejo por um futuro melhor, o desejo em lutar contra a ditadura faz dela uma mulher que vive o presente. Lia não demonstra preocupação com o seu passado e nem com coisas que nele aconteceram. O único desejo de Lia está baseado em seu presente. A única coisa que ela almeja e deseja é o fim do período de chumbo, o fim da ditadura vivida por elas e é exatamente por essa razão que a mesma luta constantemente contra tudo que é imposto da época.

Em Lorena e Ana Clara, fica evidente que o passado a aprisiona. Lorena se lembra constante de seus irmãos e da morte de um deles;

Por que meu coração também se fecha? Rômulo nos braços de mãezinha, procurei um lenço e não vi nenhum, seria preciso um lenço para enxugar todo aquele sangue borbulhando. Borbulhando. “Mas o que foi isso, Lorena?!” Brincadeira, mãezinha, eles estavam brincando e então Remo foi buscar a espingarda, corra senão atiro, ele disse apontando. Está bem, não quero pensar nisso agora, agora quero o sol. Sento na janela e estendo as pernas para o sol. (TELLES, 2004, p.21)

O tiroteio, o chato é o tiroteio. Morte. E morte em violência. Rômulo com o furo no peito borbulhando sangue, um furo tão pequeno que se mãezinha tapasse com um dedo, hein, mãezinha" Foi sem querer, como Remo podia adivinhar que Diabo escondera a bala no cano da espingarda. Uma espingarda quase maior do que ele. Até hoje não sei como conseguiu correr com ela, não sei. Não chora, meu irmãozinho, não chora, ninguém é culpado, ninguém. Papai tirou as balas todas, não tirou? Mas tem uma que o Diabo. Remo querido, passou tudo. Passou. Mas às vezes, está vendo? preciso lembrar. (TELLES, 2004, p.58)

Ah, Rômulo, Rômulo. O sangue escorrendo do furo que mãezinha procurava tapar com a palma da mão, a camisa vermelha empalidecendo, recuando diante do sangue tão mais forte. "Que foi isso, meu filho!" — ela perguntou e o som da sua voz era branco. Respondi por ele e minha voz também saiu de uma paisagem de neve sem sol. Fiquei me ouvindo repartida em duas: o Remo deu um tiro nele mas foi sem querer, aquela brincadeira de xerife, estavam perto do paiol e Rômulo corria para o rio, acho que ia mergulhar quando Remo fez pontaria e gritou para! nessa hora ouvi o tiro. (TELLES, 2004, p.70)

Ana Clara vive presa aos traumas e abusos capazes de serem lembrados por cheiros e sensações do seu dia a dia;

Fechei a boca mas ficou aberta a memória do olfato. A memória tem um olfato memorável. Minha infância inteira é feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro de enterro morno daquela floricultura onde trabalhei enfiando arame no rabo das flores até chegar à corola porque as flores quebradas tinham que ficar de cabeça levantada na cesta ou na coroa. O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. (TELLES, 2004, p.41)

Isso faz com que as meninas vivam de formas diferentes, mas sempre marcadas por acontecimentos seja no presente, passado ou futuro. Fato é que ao viver em um único espaço tempo, as meninas se prendem aos acontecimentos e são incapazes de viver uma vida leve e sem marcas. Segundo Kaës (2014) O sujeito não pode mais ser visto apenas como um elo isolado, mas como alguém que desempenha papéis de servidor e beneficiário do contexto familiar. Esse é um fato vivenciado por cada uma das meninas dentro de seus ambientes familiares e contextos de vida social.

3.3 Identidade

Entende-se como identidade, um conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la. De acordo com Castells, a identidade corresponde à um conjunto de matérias-prima fornecido pela memória de cada indivíduo;

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (Castells, 2010, p. 23)

Trazendo essas definições para o contexto em que se insere Lia, Lorena e Ana Clara, é possível perceber como a identidade de cada uma das meninas foi moldada para que cada uma possuísse suas características, jeitos de agir e falar dentro da narrativa.

Lorena, é a personagem rica, marcada por seus sonhos, desejos, e religiosidade. Sua família exerce um papel importante e a constante volta ao passado traz reflexos em seu presente. Ana Clara é a personagem que ao possuir um único sobrenome, nos mostra a ausência de um pai. Uma personagem marcada por uma família desestruturada e por uma infância traumática, e dentro de todo embaraço, Ana Turva busca nas drogas algo que ela não encontra em seu passado, presente e nem no futuro: paz. Lia, busca constantemente por um

futuro melhor e luta por isso. Uma mulher forte, forte pelas circunstâncias impostas a ela. Lia se tornou Lião porque lutar não era uma opção.

Se a identidade é composta por vivências de cada ser, é inegável dizer que as meninas, só construíram essa narrativa por causa de suas vivências. O passado influenciou no presente e até mesmo no desfecho da história. O que impressiona ao ler e estudar sobre a narrativa construída por Lygia é o final da obra. Lorena, a moça doce e pura, consegue planejar uma forma gélida de se livrar de um corpo para que o pensionato não fosse mal falado; corpo de sua amiga, Ana Turva:

-Mas antes quero saber o que você está planejando, não vou sair por aí correndo feito rato, quero ajudar! Que ideia maravilhosa é essa?
Lorena abre o armário e escolhe um vestido. Então a ideia maravilhosa é vesti-la? Evidentemente que não, deve vir mais coisa por aí, o modo como me olhou com aquele ar de sacerdotisa. A voz vital. Aperto a mão de Ana Clara. Está mais fria ou é apenas impressão? Faço um afago em seus cabelos que se desenroscam entre meus dedos. Bem vivo o cheiro de sabonete. Puxo-lhe a orelha e a cabeça resvala obediente para o lado que puxei, Ô Aninha, que confusão, menina. E na véspera da minha viagem. (TELLES, 2004, p.265)

Por fim, Lorena revela seu plano para Lia;

-Mas a bolsa tem que estar com ela, querida.
-Na cama?
-Mas ela não vai ficar na cama - disse Lorena. Encarou a amiga: - Ana Clara não vai ficar na cama.
-Não?
-Lógico que não. Ela não vai ser encontrada no quarto, ela não morreu no quarto, morreu noutro lugar.
-Onde?
-Numa pracinha. Mas por que você pensa então que fiz esses preparativos todos? Vai ficar numa pracinha, já passei milhares de vezes por essa praça, tem um banco debaixo de uma árvore, é a praça mais linda que existe. É naquele banco que ela vai ficar depois da festa, foi a uma festa e na volta sentou-se lá. Ou foi deixada lá, não interessa. Vão encontrá-la, chamam a polícia, avisam Madre Alix, aquela coisa toda. Está entendendo por que a bolsa tem que ir com a carteirinha dentro? Deus fez com que mãezinha mandasse o carro - murmurou Lorena prendendo a relíquia no avesso da gola do vestido. - Veja que as coisas todas vão se ajustando, o carro, a neblina. Nunca vi uma neblina mais providencial, a noite estava claríssima, lembra? (TELLES, 2004, p.271)

É possível imaginar que um plano como esse veio de uma burguesa como Lorena Vaz? Ao longo da narrativa, é possível perceber essa constante luta entre o desejo e a razão, o bem e o mal, a pureza e o sujo. Todos esses aspectos são reforçados dentro da vida e história de cada uma das meninas. A construção do passado de cada uma é algo que vai além de uma

escrita despretensiosa. Ao colocar marcas em cada uma das meninas, Lygia abre um espaço para que as meninas ganhem uma identidade para si dentro da história.

A identidade de cada uma das meninas fica ainda mais evidente dentro da obra quando Lygia decide não marcar as mudanças de narração. Ao conhecer mais sobre cada uma das meninas fica fácil perceber de quem se trata pela narração. Ana Clara assume uma narrativa amarga, Lorena é doce e Lião é uma fortaleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Meninas, de Lygia Fagundes Telles, é uma obra que transcende a mera construção de uma história sobre juventude e amizade. A narrativa é atravessada por conflitos profundos, onde a dualidade entre desejo e razão, bem e mal, pureza e transgressão se manifesta constantemente na vida das protagonistas. Cada uma delas carrega marcas de seu passado, e essas cicatrizes não são fruto de uma escrita despretensiosa, mas sim de um cuidadoso trabalho de construção de identidade. Lygia confere a Lorena, Lia e Ana Clara uma profundidade que as torna personagens vivas, com trajetórias singulares e dilemas que refletem tanto suas personalidades quanto as tensões sociais e políticas da época.

A força da individualidade de cada menina se intensifica pela escolha narrativa da autora: ao não marcar explicitamente as mudanças de perspectiva, Lygia desafia o leitor a reconhecer as vozes de suas protagonistas. Esse recurso estilístico não apenas reforça a polifonia da obra, mas também evidencia o quanto cada uma das personagens possui um tom próprio. Ana Clara assume uma narrativa amarga, carregada de dor e frustração; Lorena mantém uma suavidade sonhadora, frequentemente imersa em nostalgia; e Lia se apresenta como uma fortaleza, marcada por uma postura firme e contestadora. Essa diversidade narrativa contribui para que a obra se torne não apenas um romance sobre três jovens mulheres, mas também um retrato complexo de diferentes vivências femininas em meio à repressão da ditadura militar.

A memória desempenha um papel essencial na estrutura de *As Meninas*, determinando a forma como as protagonistas se relacionam com o presente. Para Lorena, a memória é um refúgio, um espaço onde ela se agarra ao passado para evitar enfrentar a realidade. Para Ana Clara, é uma prisão, repleta de dores e traumas dos quais ela tenta fugir a qualquer custo. Já para Lia, a memória é um combustível para sua luta, uma lembrança constante das injustiças que a movem a agir. Dessa forma, a obra constrói não apenas um relato sobre a juventude, mas também uma reflexão sobre como o passado molda nossas escolhas e percepções.

Diante de tantos contrastes e camadas narrativas, é intrigante questionar: seria possível imaginar que um plano como o do final da história teria vindo justamente de Lorena, a jovem burguesa e romântica? Esse desfecho reforça a complexidade da obra e de suas personagens, mostrando que ninguém está isento de transgressões quando confrontado com situações extremas. *As Meninas* não oferece respostas definitivas, mas sim um convite à reflexão sobre identidade, memória, opressão e resistência, consolidando-se como uma das obras mais marcantes da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.
- AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura, anistia e reconciliação**. Estudos Históricos, vol. 23, n. 45, janeiro-junho 2010, p.171-186.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade, Lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CRUZ, Lua Gill da. **Os silêncios na literatura pós-ditadura: a resistência das mulheres guerrilheiras**. *Em Tempo de Histórias*, v. 1, n. 37, dez. 2020.
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, n/d.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.
- CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- RODRIGUES, Vanessa Aparecida Ventura. **As marcas da memória na escrita de As meninas de Lygia Fagundes Telles**. 2014. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DALCASTAGNÈ, R. O espaço da dor: **O regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: UnB, 1996.
- FREUD, S. (1980). **Lembranças encobridoras**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 3, pp. 333-358). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1899).
- FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- GANCHÓ, C. V. **Como analisar narrativas**. 8º ed. Ática, 1995.
- HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 2. ed. São Paulo (SP): Ática, 1994.
- KAËS, R. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- PERLATTO, Fernando. **História, literatura e a ditadura militar brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964**. Estudos Históricos, vol. 30, n. 62, setembro-dezembro 2017, p. 721-740.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- RECCHIA, C. **Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles: Minha vida de menina e As meninas**. – 2008.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 201
- TELLES, L. F. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Personagens gostam da vida, como nós. As meninas**. 1ª ed. São Paulo: MEDIAfashion, 2012, p. 313-314. (Coleção Folha. Literatura Ibero-americana).